ANO I N.º 14
Número avulso 5$00

LOURENÇO MARQUES
15 de Outubro de 1933

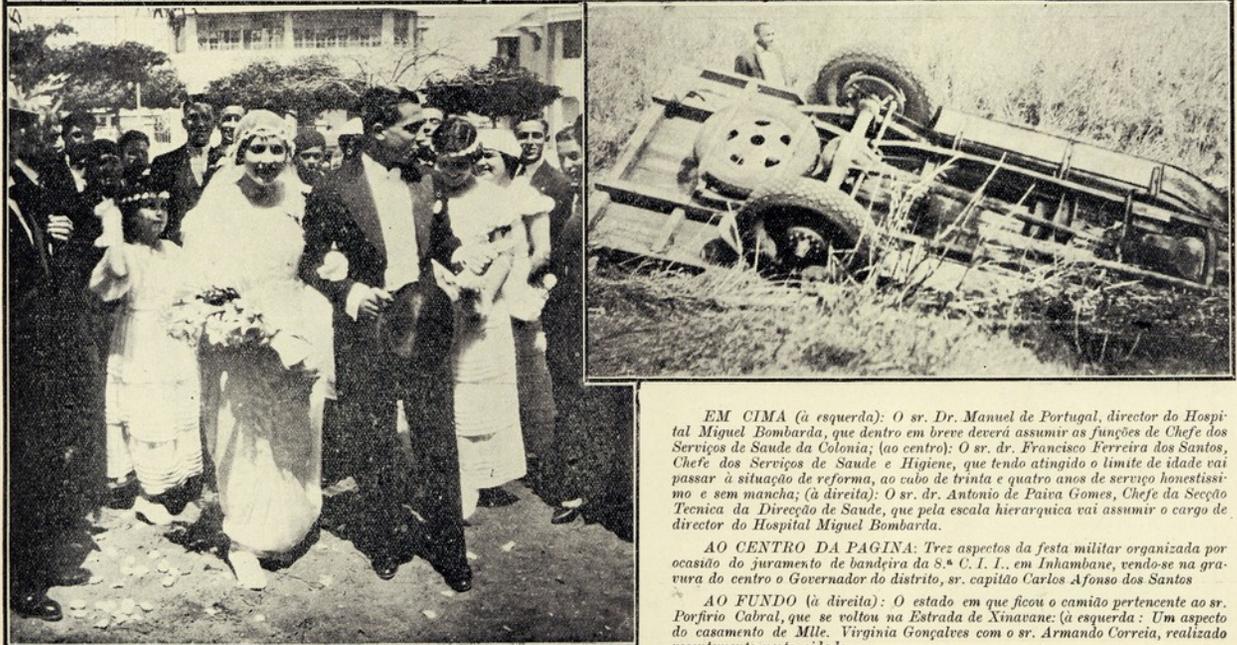
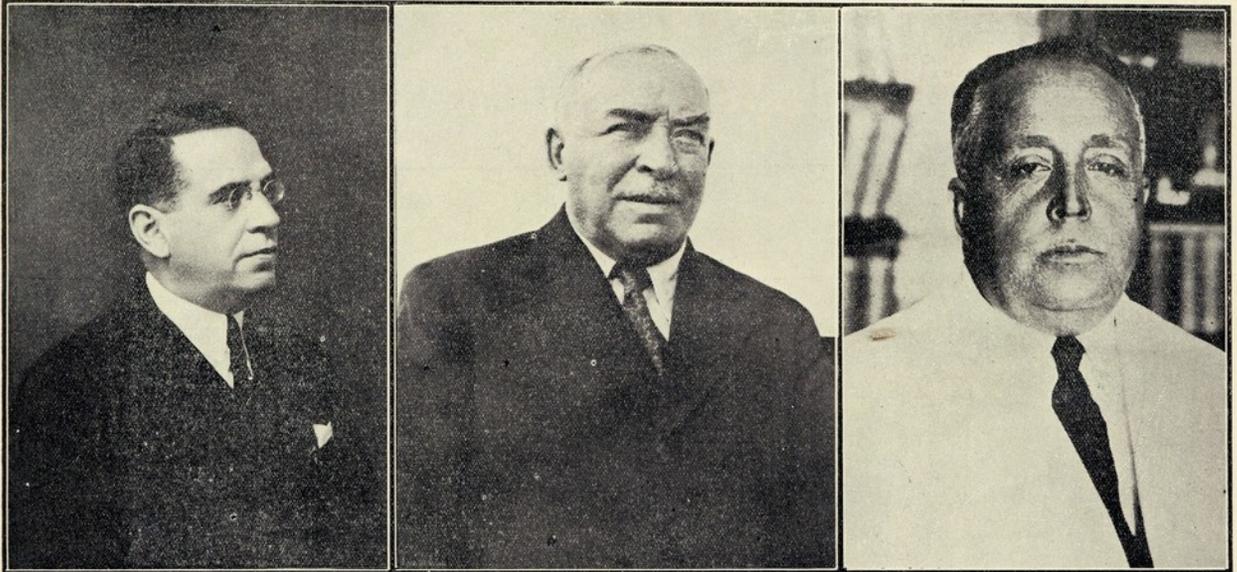
O Ilustrado

Edição gráfica do NOTICIAS

Propriedade da Emprêsa Tipografica
Director — SOBRAL DE CAMPOS
Sede — Praça 7 de Março

5 de Outubro

O estandarte do Aviso "Carvalho Araujo„ na parada militar do dia 5 de Outubro

ACTUALIDADES

EM CIMA (à esquerda): O sr. Dr. Manuel de Portugal, director do Hospital Miguel Bombarda, que dentro em breve deverá assumir as funções de Chefe dos Serviços de Saude da Colonia; (ao centro): O sr. dr. Francisco Ferreira dos Santos, Chefe dos Serviços de Saude e Higiene, que tendo atingido o limite de idade vai passar à situação de reforma, ao cabo de trinta e quatro anos de serviço honestissimo e sem mancha; (à direita): O sr. dr. Antonio de Paiva Gomes, Chefe da Secção Tecnica da Direcção de Saude, que pela escala hierarquica vai assumir o cargo de director do Hospital Miguel Bombarda.

AO CENTRO DA PAGINA: Trez aspectos da festa militar organizada por ocasião do juramento de bandeira da 8.ª C. I. I., em Inhambane, vendo-se na gravura do centro o Governador do distrito, sr. capitão Carlos Afonso dos Santos

AO FUNDO (à direita): O estado em que ficou o camião pertencente ao sr. Porfirio Cabral, que se voltou na Estrada de Xinavane: (à esquerda: Um aspecto do casamento de Mlle. Virginia Gonçalves com o sr. Armando Correia, realizado recentemente nesta cidade.

Crónica da Quinzena

Passou o 5 de Outubro... Vinte e três anos de Republica. Mais um ano decorrido sobre a queda da Monarquia, sobre a proclamação do novo regimen.

Ao recordá-lo de longe — longe no tempo, longe pela distancia que nos separa de Portugal e daquela querida Lisboa onde tantas virtudes civicas, tantos idealismos e tantos sacrificios e heroismos populares se têm afirmado e florescido — experimentamos ainda uma emoção forte, uma emoção que dificilmente pode apagar-se do nosso espirito e deixar de repercutir-se nos nossos nervos impressionaveis.

Pertencemos a uma geração de idealistas; vivemos, durante anos, numa atmosfera de paixão e de sonho; comungamos sem reservas nas aspirações ingenuas e nos anceios sinceros do Povo; surpreendemos, sentimos e profundamos os seus sofrimentos, as suas misérias, as suas lutas e a sua colera.

Com a nossa mentalidade formada á luz da cultura francesa, conheciamos a Revolução atravez das páginas estupendas, vibrantissimas, que o Povo da França, e em especial da grande e eterna cidade de Paris, havia gravado na sua Historia.

E, se bem que norteados, ao tempo, por ideais sociais mais vastos e mais profundos, e de ser outra a nossa Biblia, a verdade é que acompanharamos com um grande interesse espiritual e sentimental o periodo impressionante da propaganda republicana e a acção fogosa e persistente dos caudilhos da Republica.

E a Republica chegou. Tambem o Povo Português — falho de espirito de continuidade, mas capaz de sacrificios e de heroismos, talvez como nenhum outro — escreveu na nossa Historia Politica páginas admiraveis.

O que presenceamos e vivemos nessas horas, há 23 anos, nunca mais em nossa vida o poderemos esquecer. Horas de luta, horas de anciedade, horas magnificas em que a Alma Popular vibrou intensamente e subiu de nivel numa ascenção esplendida, polarisada por uma mesma Idea-Sentimento!

Houve excessos? Há quem com eles explore. Mas qual a revolução que os não teve ao abrir-se repentinamente a valvula dos ódios desencadeados e durante muito tempo reprimidos? Nenhuma.

E, se compararmos esses excessos populares—como outros que se registam durante os vários anos agitados que se seguiram — com os excessos da Revolução Francesa e com os de outras revoluções contemporaneas em diversos paises, temos que fazer justiça ao nosso Povo: fomos duma grande generosidade e por vezes quási infantis...

Foi há vinte e três anos... Vinte e três anos — nada na vida duma Nação. E, todavia, ao recordarmos agora esse periodo admiravel, esse aflorar de esperanças, de anciedades, de sacrificios, de generosidades, de sofrimentos e de heroismos, temos a impressão de que muitos mais anos passaram, de que estamos muito mais distanciados desses acontecimentos... Como vai longe já o 5 de Outubro de 1910!...

* * *

Regressou há dias a esta Colónia, pelo vapor «João Belo», vindo da Metrópole, o sr. Governador Geral, coronel José Cabral.

«O Ilustrado», dentro da sua missão bem marcada, teria tido muito prazer em dar aos seus assinantes e leitores uma tão completa quanto possivel documentação gráfica da chegada de Sua Excelencia a esta cidade. Apesar do desembarque se fazer já de noite, o nosso fotografo tentou tirar alguns aspectos da chegada, que no entanto falharam.

O sr. Governador Geral — o Governador que durante mais tempo se encontra á testa dos destinos desta Colónia — regressa ao seu posto de direcção numa hora dificil, vindo encontrar agravados vários dos problemas mais instantes. Durante a sua ausência na Metrópole — não obstante o tino e a decisão do sr. Encarregado do Govêrno, mas

S. Ex.ª o sr. Governador Geral, coronel José Cabral

por um conjunto inevitavel de circunstancias — a crise aumentou de intensidade, tornando-se muito mais dificil a vida de muitas classes e ensombrando-se cada vez mais o futuro que se aproxima.

Não desejamos deixar-nos possuir em extremo por um pessimismo dissolvente e contaminador, mas não podemos nem queremos tambem colocar diante dos nossos olhos a luneta mirifica dum optimismo confiante em demasia. E cremos que não somos pessimistas em excesso se pensarmos que a crise seguirá ainda na sua curva ascendente, se admitirmos, em suma, que piores dias virão ainda.

Nestas circunstancias, S. Ex.ª o sr. Governador Geral vai ter uma ardua tarefa para enfrentar todas as espinhosas dificuldades que vão cercar este novo periodo do seu governo. E a aspiração de toda a Colónia será certamente, que o sr. Governador Geral consiga vencer todas essas dificuldades, solucionar todos esses graves problemas ou, pelo menos, atenuar-lhes as suas arestas mais contundentes e perturbantes.

E assim se desanuviará o horizonte carregado de negras nuvens...

* * *

De vez em quando têm chegado ao nosso conhecimento factos que muito nos impressionam, que são de molde a impressionar toda a gente e que reclamam uma objectiva — um comentario. Referimo-nos á frequencia com que Cupido lança as raparigas de hoje nos braços do amor, da fantasia e da aventura, sob as promessas fascinantes de casamento dos seus eleitos.

Não queremos armar em exagerados puritanos; não queremos considerar o amor como um «pecado», como uma vergonha; não desejamos esquecer que a atracção dos sexos é natural e inevitavel; nem podemos ignorar a revolução sexual em marcha, como não nos é legitimamente possivel deixar de tomar em linha de conta a poderosa influencia da acção do nosso clima. O contrário de tudo isto seria vivermos fora do quadro das realidades cruas e afastarmo-nos do lado positivo e das observações e conclusões cientificas para um campo inconsistente duma humanidade «pintada» pela nossa fantasia...

Os factos, porém, — os que chegam a conhecer-se e se revestem de retumbancia ou de escandalo — repetem-se com perturbante frequencia. E, se é certo que as mais das vezes, quási sempre, esses amores rápido terminam pelo casamento (por um casamento feito á pressa mas legalisador duma situação já criada) a verdade é que essas raparigas se lançaram na grande aventura do Amor ainda muito novas e, no geral, sem preparação alguma para constituirem familia, para desempenharem as mais altas e mais nobres funções da mulher: o serem Mâis, Mâis-educadoras de seus filhos.

São bastantes os casos que se conhecem, que surgem á superficie, que passam ao dominio do publico. Mas temos a impressão — oxalá nos enganemos! — de que os casos que não chegam a divulgar-se são ainda em muito maior numero e que, se os médicos não tivessem que guardar rigoroso segredo profissional do que se passa pela sua clinica, muito teriam que contar a tal respeito, sobre os dramas intimos, familiares, originados por precoces aventuras amorosas das raparigas de hoje.

E, em presença de tudo isto, estamos em concluir que, alem dos factores já apontados, influem e predominam tambem no gerar de tão repetidos acontecimentos desta natureza — não regra geral, felizmente, valha a verdade — o criminoso abandono a que muitos pais, e especialmente mâis, votam as suas filhas quási que desde a primeira infancia; o uso e abuso de liberdades excessivas que a estas são permitidas inadvertidamente. Assimilaram-se em demasia — por chiquismo, por snobismo, por comodismo — hábitos de outros povos em contacto connosco. E esquecemo-nos de que se esses hábitos poderão, talvez, não ser grandemente perigosos para raparigas e rapazes de outras raças ou de outros temperamentos, gravemente o são para os nossos — latinos, meridionais como somos, vivendo sob a acção dum clima que conduz a demoniacas tentações...

Este triste e facil assimilar de habitos estranhos dá-nos a nota desgraçada da nossa falta de personalidade; e o abandono e comodismo das mâis — de como vão desaparecendo ou sossobrando, deploravelmente, as virtudes antigas...

Se focamos este assunto nesta página é porque — como dissemos — nos impressiona profundamente e porque se manifestou com certa acuidade nestes ultimos tempos. E, como as criticas aos males sociais, chamando para eles as atenções de todos, ás vezes são beneficas, a nossa pena não teve hesitações ao proceder assim, convicta de que este comentário elvado poderá ficar como um aviso e como um incitamento salutar a uma melhor assistencia moral ás raparigas de hoje.

S. C.

A MODA

Da esquerda para a direita: *Inrulgar casaco de veludo estampado, vermelho, com uma enorme gola travesseiro, e mangas de tufos. Marca fortemente a linha das ancas. Visto na exposição de Dorland Hall, Regent Street, Londres. — Encantador ensemble beije guarnecido a pele de raposa. Um elegante chapelinho enfeitado a pele de macaco, completa esta toilette, modeto da casa «Messers. Debenham and Frubody», de Londres. — Chegaram os calores caniculares: Eis dois bonitos chapeus de palha que vos proegerão dos raios agressivos do sol...*

Final da Taça de Honra

No campo do Ferroviario, realizou-se no dia 8, a final da Taça de Honra, (Moreira Rato) entre o Sporting Club de Lourenço Marques (campeão local) e o Club Desportivo Ferroviario (campeão nos anos de 1931 e 1932), saindo vencedor este ultimo por 3 1, o que lhe deu a posse difinitiva da artistica Taça «Moreira Rato».

Nesta pagina damos algumas das boas fases do desafio vendo-se ao fundo uma esplendida defesa, de Jacinto (Ferroviario).

Quando Cupido tirou a venda

Conto que Celso escreveu e Vilela ilustrou

Andava perdido por terras de Naluma, a quatrocentos quilometros da costa, do interior de uma povoação de pretos. Por lá estava, havia um bom par de anos. De longe em longe, chegavam á Administração noticias do seu viver destrambelhado, caçadas ao leão, batuques, bebedeiras macissas com aguardente de caju.

Vivia em completa miséria o Barba Encarnada, como lhe chamavam os pretos. Vestido de caqui, alto, esgrouviado, raros cabelos louros, a testa larga e alta prolongando o nariz hebraico, a barbaça loura enorme, indisciplinada, escorrendo até a peitaça forte de atleta moderno, davam ao Russo, como nós o conheciamos, um ar de fauno-filosofo.

Ninguem lhe conhecia aventuras banais da vida sertaneja. Comia farinha de mandioca, fumava bangue, dançava nos batuques e dizia-se estar vagamente empenhado em pesquisas mineiras.

Pois este Russo falido, beberrão, inutil, podre de indolencia, inspirava a todos os estrangeiros que o conheciam de perto um respeito quási supersticioso. Falavam nele como num ente superior. É uma boa inteligencia e tem «qualquer milhão» ou mais em França, dizia-me o Martini que o conhecera em Paris. E acrescentou baixinho: a mulher é uma princesa russa e linda como as mais lindas.

Já o tem chamado uma data de vezes para a Europa. Ela não lhe faltam distracções, frequenta a melhor sociedade parisiense e gasta quanto quere. Em todo o caso, parece ter imensa saudade deste desgraçado. Quem sabe se algum arrependimento.

— Talvez ela não goste dele e o rapaz procure esquece-la, sr. Martini.

— Eu não sei, sr. Matos, ele era um rapaz perfeito, fazia mesmo um certo sucesso em Paris com o seu ar de profeta neurastenico.

— Eu não acredito em patranhas, amigo Martini. Vocês os estrangeiros quando cá aparecem são todos principes. O marido duma princesa, um «princez» autentico, mais a mais milionário, vir de Paris a Naluma, só em contos da carochinha.

Martini sorriu enigmaticamente, muito pensativo. Matos bebeu mais um trago de whisky, descontente. E eu mesmo, um pouco alheado dos meus hábitos gandistas, assobiei para o muleque pedindo uma cerveja. Ali mesmo concertamos uma viagem de machila para investigar discretamente este caso estranho, novelesco.

* * *

A abordagem foi um pouco complicada. Ao ver-nos de chofre invadir o seu acampamento, o Russo que se encontrava sentado numa cadeira de lona á porta da palhota, cachimbo na boca, olhou-nos com o seu ar impenetravel, levantou-se enfastiado, vagarosamente, sem curiosidade. Eramos todos conhecidos, como em geral acontece no mato. Improvisamos uma historia de caça, para explicar a nossa presença.

A noite vinha descendo rapidamente. Alguns machileiros foram cosinhar o seu jantar, um enorme panelão de arroz, um tacho de chima, caril de feijão, batata doce assada ao borralho. Outros estiraçados sob o amplo coberto onde se reunem as visitas contavam historias. Alguns aqueciam-se ao lume, e riam todos de um riso alegre, prolongado, emanação fisiologica de esplendida saude fisica e moral.

— Muito obrigado, sr. Fonseca. Eu gosto muito de cerveja e há muito tempo que a não provo. Os senhores podem dormir aqui em casa do regulo. Eu vou mandar assar uma galinha.

— Porque não vai amanhã conosco até o Batirro? Sempre se distrai um bocado . Almoçamos lá com o Padre Anselmo na missão e iamos ao leão á tarde.

— Eu não gosto de caçar com muita gente. Sozinho com o meu Juma, estou mais á vontade. Já perdi o hábito de conversar. Só me sinto bem a fumar e a beber. Sou um selvagem perfeito. Vocês não se zanguem, mas não aceito.

— Homem você assim, sem ninguem, qualquer dia endoidece. Ou dá-lhe uma biliosa. Isto não é vida.

— Não faz mal. Eu tenho medo de morrer ás vezes. Mas tenho mais medo quando penso em regressar á vida. Assim neste cantinho estou bem. Tenho uma vantagem sobre vocês. Não penso.

— Você desculpe, amigo Ivan, mas um homem novo como o senhor, não tem o direito de se abandonar para aí sem destino.

— Pois sim. Vocês falam tanto em direitos... Algum de nós tem lá algum direito? Nós somos todos uns automatos. Andamos ao sabor dos acontecimentos. Eu por mim nunca tive o que se chama vontade propria. No entanto passava por um tipo energico.

— Energico !

— Isso mesmo. Mas eu nunca o fui. Mesmo no momento mais grave da minha vida, abandonei-me não ao acaso mas a uma fantasia.

... ...

Casei em Paris com a Princesa Merovitz que nesse tempo era um dos grandes sucessos mundanos. Eramos os dois ricos, mas a Princesa tinha uma fortuna muito maior. Foi um casamento vulgar, com alguma simpatia mutua, muita conveniencia e bastante preocupação de bom gosto.

Mas o pior foi quando comecei a interessar-me a valer pela minha mulher. A Princesa tinha para mim todos os dias atrativos novos. Inteligente, muito feminina, muito carinhosa, comecei a habituar-me á idea de gostar dela a valer, e de encetar uma vida de familia confortavel, intima, burguesa.

A minha mulher correspondia perfeitamente á nova ambição do meu espirito, que vivia num sonho lucido admiravel. Viajamos um ano, corremos a Europa toda, fomos á Russia liquidar alguns interesses e regressamos a Paris, dispostos a estabelecermo-nos lá definitivamente. Compramos um delicioso chalé numa das avenidas dos Campos Eliseos. E um pouco afastados da vida mundana, mantendo as relações indispensaveis na sociedade, mergulhamos os dois num estado de alma que eu chamarei uma misantropia «a duo».

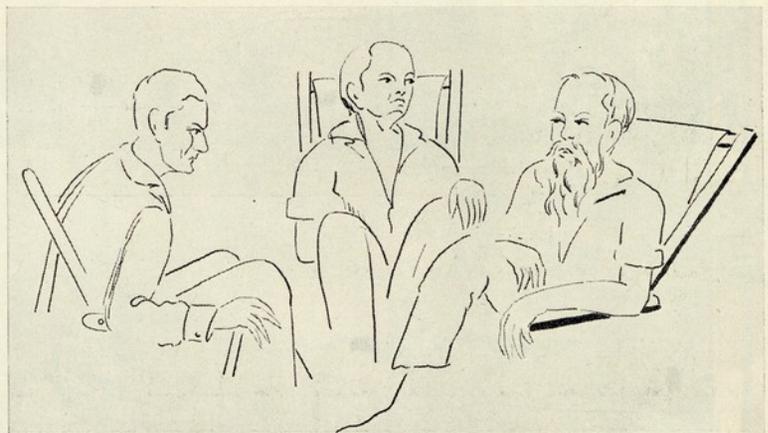
Viviamos na contemplação um do outro, estudando, espreitando, procurando cada um adivinhar o que se passava na alma do outro. Pensava ás vezes comigo: Isto não é Amor. O amor é um sentimento espontaneo, irresistivel, que não raciocina. Nem eu nem a minha mulher somos espontaneos. Parecemos dois felinos preparando-se para uma grande luta. Nunca confiamos um ao outro uma parcela da nossa vida interior. Não nos conhecemos.

Chegava a ser quási uma luta, sabiamente preparada, com sorrisos, com beijos, com cariciosa mise-en-scene. Comecei a viver numa relativa intranquilidade, quási em sobressalto. Ema deixou de ser para mim a mulher amada para se converter num objecto de estudo.

Um dia resolvi desembaraçar-me deste pesadelo. Era necessário trocar uma impressão forte com a minha mulher, devassar o seu sentimento, confessar-me a ela. Criar uma aura nova em redor das nossas almas. Este mistério subtil, esta velada incompreensão, asfixiam-me. Preciso de ar puro, de uma conversação rude, clara, forte.

Ensaio no meu gabinete uma série de preambulos. E, emquanto, maquinalmente, sentado á minha secretária, escrevo algumas cartas, projecto uma série de ataques classicos, sonoros, astuciosos.

Acabei de escrever as cartas. Vejo-me ao mesmo tempo forte e ridiculo. Começam a tremer-me as mãos e sinto uma dor fina localizada nas temporas. Isto deve ser febre. Levanto-me e vou ao meu quarto. São dez horas da manhã e uma chuva miudinha fus-

tiga os vidros da minha janela. Lá fora está um tempo opaco, brumoso.

A minha mulher ainda estava no seu quarto. Talvez estivesse a dormir. Vou-lhe falar mesmo agora. Vou declarar-me a ela abertamente. Vou-lhe dizer que a amo, que gosto dela a valer, que nunca a amei tanto como agora que temos dois anos de casados. Mas tambem quero saber o que ela pensa de mim e se sim ou não ela alguma vez me tomou a sério no seu coração.

Corrijo o nó da gravata. Instintivamente, escovo o casaco, passo o pente pelos cabelos, componho a fisionomia ao espelho. Como estou pandego! Isto deve ser doença, delirio, febre, quem sabe se já um começo de loucura.

Ema estava já levantada. Um quimono de seda desenha em linhas provocantes o seu busto perfeito de naiade moderna, estilizada, «bien en chair». A linha dos seus quadris perde-se entre os almofadões do maple. Está sentada a ler e fuma um dos seus cigarros tão irritantes. Nunca pude tolerar uma mulher a fumar. É horrivel. Dá-me a impressão de um lupanar a alcova onde se respira o fumo de um cigarro de mulher.

Plantei-me diante dela, pausadamente. E, ao seu sorriso delicioso de bom dia, ao estender do seu braço esquerdo para uma caricia, respondi secamente um bom dia solene, o olhar obliquo, inquisidor.

Ema não pareceu surpreendida, nem deu mostras de ter visto a minha nova maneira. Levantou-se, pousou o livro e preguntou-me com a maior naturalidade:

— Vais sair com este tempo?

Fiquei irritado. Era lá possivel que impressionasse tão pouco a minha mulher a completa transformação do meu eu, este desejo surdo de uma realidade palpavel, positiva, grosseiramente definida? Era lá admissivel que ela não o suspeitasse, quando todo o meu desvario era simplesmente um forte amor por ela?

— Vou sair, e talvez me demore algum tempo, alguns dias, disse-lhe secamente.

Ema fitou-me desta vez demoradamente. E, ao encontrar o meu olhar «novo», que nada tinha da simplicidade despreocupada de sempre pareceu-me interrogar em silencio, com alguma ansiedade. Era a primeira vitoria do meu projecto. Perturba-la, angustia-la, para tornar mais facil a minha confissão.

— Tu tens alguma coisa, Ivan?

— Tenho, sim, minha amiga. Tenho alguma coisa de muito sério, de muito novo.

Mas, a lingua prendeu-se-me na garganta. Ou melhor, voltou a dominar-me o meu habito antigo, o homem mundano de sempre. Envergonho-me deste novo hospede que se meteu na minha vida. É um importuno, um plebeu, grotesco polichinelo. E, eu fui sempre um rapaz correcto, espirituoso.

— Conta-me isso, Ivan. Sabes que aprecio muito as tuas originalidades, fez Ema cada vez mais excitada pela curiosidade.

Começo a ter um certo desequilibrio nos meus nervos outrora tão calmos. Porque não hei de confessá-lo? Tenho um certo mêdo do ridiculo da minha situação: declarar-me á minha mulher no fim de dois anos de casados. Ensaio um pequeno sorriso, compasso de espera. E, lentamente, emquanto uma espécie de contracção sacode os musculos da nuca, quási dolorosa, articulo lentamente:

— Tenho um negocio muito interessante no estrangeiro. Parto esta tarde.

Ema observa-me demoradamente. Passou-lhe no rosto uma sombra fugidia. Ia quási a apostar que está vagamente despeitada, quem sabe se a supor alguma extravagancia sentimental pela Place Pigalle.

— E demoras-te muito?

— Uma semana.

Revolto-me contra a minha fraqueza. Mas não consigo encarnar o novo personagem. É superior á minha educação, não tenho expressões para o exteriorizar, para o tornar um «tipo» decente. Mais vale ficar para a outra vez.

Entra a criada com o pequeno almoço. Ema oferece-me uma cadeira, e serve o chá, muito senhora, sorridente, sem trair a mais ligeira perturbação.

É demais para a minha sensibilidade. Tenho vontade de a acariciar. A linha do seu corpo, o seu olhar claro dominam-me. Os seus movimentos seguros são de um contraste humilhante com a pose do colegial amoroso que se instalou dentro do meu mundanismo e que se ri e graceja com o gentleman, com o elegante.

— Eu não posso demorar-me, «minha querida amiga» (como estas palavras anavalham o meu orgulho). Tenho de arrumar vários assuntos antes da minha partida.

— Estás pouco amavel. Que negócio é esse que te preocupa tanto? Fuma ao menos um cigarro destes.

Não sei que lhe hei-de responder. Não estará ela a desfrutar-me com este seu interesse fingido?

— Tinha graça dar-te aqui uma lição sobre a bolsa, digo com uma certa mestria, a fazer de forte emquanto acendo o cigarro. Tenho de estar ás 11 horas no escritório do meu procurador. Adeus, Ema.

— Jantas comigo?

— Vou fazer o possivel, mas não esperes muito tempo.

E esta doblez angustiante começa a imprimir um ritmo definitivo á minha vida. Acentua-se cada vez mais a fisionomia tiranica do meu hospede interior, prescrutador vigilante, que deseja mas que não ousa e que cede em atitudes, em mascara, ao homem de sempre, frivolo, chic, mordaz.

Ema, por sua vez, começa a observar-me, a recear a minha nevrose. Creio que a atribue a uma novela extra-conjugal, e isso dá-lhe um ar levemente sarcastico.

Começa a aborrecer-me a vida. Jogo na bolsa para me distrair. Tento records de automovel.

O jogo dá cabo dos meus nervos. Perco sucessivamente, estou á beira da ruina. Daqui a pouco estarei nas mãos da minha mulher, nas garras da sua fortuna, do seu dinheiro. Isto é atroz. Jogo pela ultima vez, esperança tremenda de libertação. Fugirei para o estrangeiro, por muito tempo.

Um dia, falencia completa. Sou irremediavelmente um parasita da minha mulher. Ema sabe-o e exulta de contentamento. Ao menos assim tem a certeza de que a não matarei de «ciumes».

Agora, menos do que nunca, tenho a coragem de romper este mistério estranho. Começo a acreditar que Ema se ri de mim no seu intimo, embora esteja cada vez mais amavel, delicada, carinhosa.

Bemdito alcool. Se eu pudesse pedir-te um pouco de estimulo! Nunca gostei de beber, mas tenho quási a necessidade de o experimentar. Ema cerca-me todos os dias de novos carinhos.

Estou prisioneiro de Ema. Domina-me com o seu sorriso, a serenidade graciosa, o seu dinheiro. Sou um simples acessório na vida da minha mulher. Deixei de ter uma personalidade. É medonho, vou tentar evadir-me desta situação.

Mas como? Veem-me desejos tremendos de bater na minha mulher, humilha-la, para lhe provar a força do meu braço, e o poder do meu espirito.

... ...

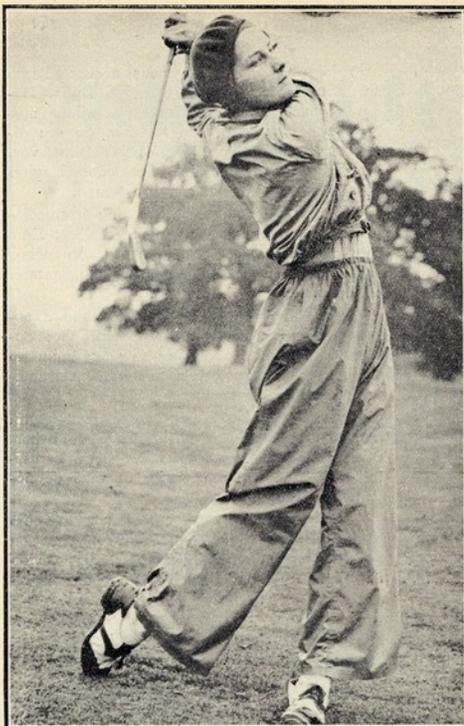
Aqui está, meus amigos, como o homem é um simples automato nas garras de uma fantasia feita fantasma, espectro da sua vida. Aquilo que vulgarmente é um delicioso calice de ventura, o Amor, criado, ennobrecido, pela minha imaginação, matou em mim o unico homem que a sociedade e a vida aceitam, o homem dos sentidos. Já não sei viver senão para dentro de mim mesmo.

— Ouça lá, amigo Ivan, se não é indiscrição, a sua mulher nunca mais se interessou pela sua vida?

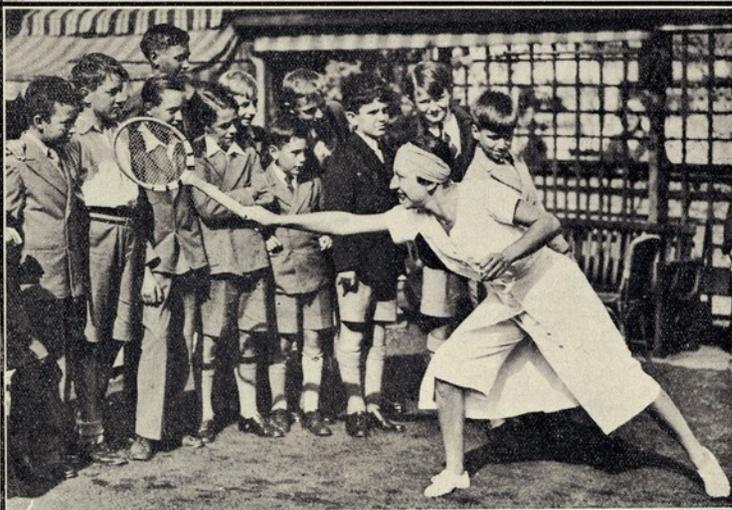
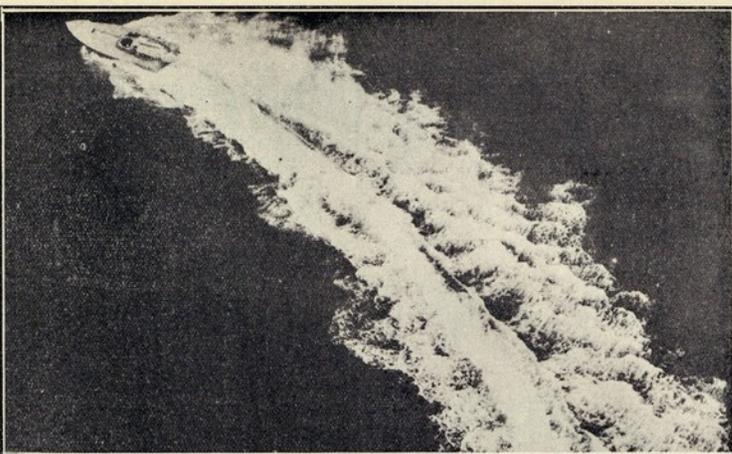
— Escreve-me todas as malas. É um rosário de promessas, de queixas, de saudades como vocês dizem. Por mim, respondo-lhe quási sempre, e invariavelmente a convido a vir para aqui, para este cantinho onde não há vergonha nem conveniencia. Talvez aqui pudessemos ser felizes. Ainda tenho esperanças que ela aceite.

Celso.

LUCILIA DOUWENS
Professora diplomada e inscrita no Conservatorio de Lisboa. Lecciona piano, violino, harmonia e rudimentos, segundo o programa do mesmo Conservatorio.
Avenida 24 de Julho, 162

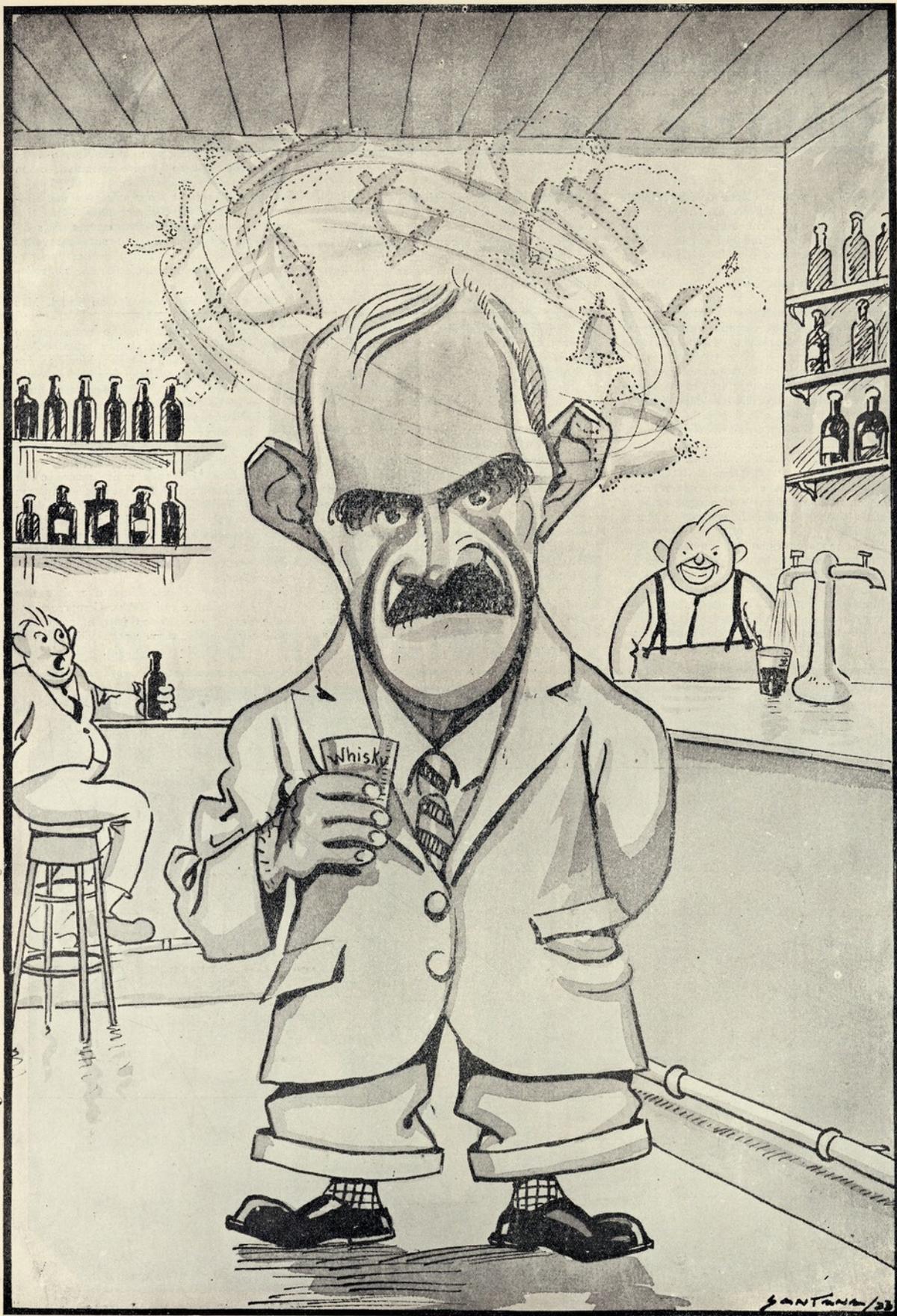
TODDY — E' ainda a altura de o tomar quente:
Afasta o frio
Revigora o organismo.

Como a chuva prejudicasse a abertura do Campeonato feminino de Golf em Bucks, miss Pamela Shand, de Derbynshire, exibiu a seu magnifico estilo vestindo um «waterproof suit».

Scott-Paine, pilotando o «Miss Britain III» bateu em Poole Harbour, Dorset, perante 14 000 espectadores, o «record» inglês da milha marítima. A fotografia tirada do ar mostra nos o rasto tumultuoso de espuma que o barco traça na sua vertiginosa carreira.

Susana Lenglen, a famosa tenista francesa, dando lições em Selfridges Stores, Oxford Street, Londres. M.lle Lenglen exibe um trajo que fará sensação entre as tenistas.

Mobilia nova, moderna

pelo preço de 2.ª mão!

Mas não é somente o preço que faz a mobilia — antes pelo contrario: é o nome, é a reputação da casa que a constroe.

Casa Allen Wack

BEFORE LUNCH: One in the hand is worth two... in the bottle.
ANTES DO ALMOÇO: Vale mais um na mão do que dois . . . na garrafa.

CONTOS AFRICANOS

História dum louco

Meio-dia. A vetusta cidade de Moçambique arde sob um sol inclemente. Ninguem nas ruas. Lá em cima, em esburacado casebre que o tempo só por milagre deixa ficar de pé, geme e resmunga o velho João Antunes a quem a desgraça ensandeceu.

Outrora, reluzia-lhe no peito o metal das medalhas e a sua voz varonil ecoava por esses sertões estimulando a soldadesca bisonha. Agora, é um farrapo humano para que se voltam compassivos os olhos de toda a gente.

Que revezes, que mizérias atrozes, que tempestades de dor operaram a trágica metamorfose, de brioso e aguerrido soldado fazendo aquela mísera coisa que é hoje o João Antunes? A sua história é uma história triste.

... ...

... ...

Viera para a África Oriental há muitos anos, quando pretos e brancos se enfrentavam ainda com rancor e o sangue duns e doutros vinha amiude humedecer a terra ressequida.

Alferes moço e destemido, era natural que sob a farda amarelenta o coração juvenil lhe ardesse na mesma ambição e na mesma consumidora febre de glória que terá abrazado os bravos de antanho. Tomara parte em diversas campanhas. Conhecera as mil vicissitudes das longas marchas pelo interior, as apertadas contingencias em que as privações tanta vez punham as colunas, as surtidas inesperadas dos negros, as sêdes de dementar, o arrastar doloroso por campos deserticos batidos de fogo; fôra incumbido de diligências audaciosas que requeriam tanta perícia como coragem e astucia e sempre se houvera de maneira a merecer rasgados encómios.

— Isto está a acabar, rapazes — costumava êle dizer alegremente, a animar os seus homens, quando o sofrimento e o cansaço lhes punham na fisionomia enegrecida certo jeito de desesperança.

E assim, no peito largo de João Antunes começaram a alinhar-se as veneras com que a nação agradecida premiava os seus serviços.

Terminaram, porém, as campanhas. O gentio, pacificado, voltara ás terras; e o branco, a seu lado, esquecido do recente triunfo, dera novo rumo ás suas actividades.

João Antunes não voltou a Portugal. Passa a comissão civil e nos anos que seguem desempenha vários lugares em diferentes pontos da Colónia. Viaja. Ignorado aqui, logo falado mais alem, a sua fortuna tem altos e baixos como a de quási todos os seus antigos companheiros de armas.

Num dado momento parte para a Zambézia. Instala-se num posto isolado a que mal chega voz de civilizados. É a derrocada. Três anos ali permanece, a estiolar-se, a esquecer-se de si próprio, a perder-se...

Mais que os árduos trabalhos das operações militares, mais que os rigores do clima, custa-lhe a suportar a falta de convivio; exaspera-o, desaustina-o, dementa-o a falta de mulheres.

A insatisfação prolongada do desejo, a nenhuma distracção para o espirito, o trato diário com o negro boçal e primitivo, criam nele um estado de permanente irritação que o levam a fazer e a dizer coisas de que noutras circunstancias se envergonharia. São três anos de inexplicáveis arrebatamentos, de subitas explosões de cólera, de surdas revoltas contra tudo e contra todos, de uma neurastenia que cresce raivosa, cruenta, avassaladora...

Emfim, João Antunes volta ao litoral. Mas é outro homem que volta.

O bravo, o pundonoroso, o entusiasta, o crente, esse ficou para sempre sepultado no coração da Zambézia. O que sobrevivera era aquilo: uma figura magra, amarela, de olhar alucinado. Não admira que o seu moral houvesse mudado tambem...

Em Moçambique, onde se fixa, conhece a Rosa da Conceição, viuva de um sargento artifice assassinado em rixa de taberna. É mulher de baixo estofo sem nada que a recomende como esposa e muito menos como mãi. Que importa? João Antunes acha-a um encanto. Inculta, rude, voluntariosa, desabusada no falar e pouco cuidada de atitudes? Ora, e aquele brilho dos olhos a atrair os homens? E aquela saude de ferro a desafiar todos os ecessos? João Antunes toma-a para sua mulher.

Censuram-lhe o procedimento muitos dos que o conheciam e estimavam. Compreendem-no e desculpam-no todos os que, como êle, não ignoram certos tormentos da vida do mato e a desmoralização ocasionada pela falta de

Esmero no fabrico — Alta qualidade dos produtos — Perfumes subtis, discretos e agradaveis — Aplicação consciente dos ensinamentos da ciencia

Tudo se encontra nos Produtos de Beleza NALLY e BENAMOR, e são Portugueses!

tudo que aos europeus, em outras circunstancias, consola e deleita...

Do seu casamento com Rosa da Conceição nasce Benedita, uma criança encantadora que desde logo dá mostras do indomável caracter que há-de gerar mais tarde tanta infelicidade.

Tendo herdado do pai a índole aventureira e destemida e da mãi o temperamento ardente e impulsivo, Benedita vai crescendo quási ao deus-dará, sem sombra de freio a reprimir-lhe as perigosas tendências. Da mãi, nada há a esperar; não pode transmitir uma educação que não tem. E o pai, enlevado nas suas graças e na sua beleza, encontra-se demasiado preso e demasiado fraco para pensar em impor-lhe certos principios que o convivio baixo da mulher lhe não tivesse ainda obliterado.

Passam-se anos... Benedita é agora uma formosa rapariga, de linhas esbeltas e boca sensual a acirrar a concupiscência dos homens. Anda-lhe no olhar certa inquietação, certo fogo, que não engana o entendido...

Uma tarde, já o sol tinha desaparecido lá longe, numa apoteose sanguínea, João Antunes é abordado pelo velho Silveira que, depois de lhe pedir determinadas informações, lhe começa em termos hesitantes a falar da filha. Que Benedita estava uma senhora, que as raparigas em Africa precisavam duma maior vigilancia, que era necessário não dar que falar, que devia acabar com algumas liberdades, etc., etc. Era evidente que o bom homem, por certo com receio de ferir o amigo, mas tambem não querendo deixar de o advertir, não dizia senão uma pequena parte do muito que sabia. O Antunes, porém, não o deixou acabar. Á insinuação do Silveira, respondeu desabrido que da sua filha ninguem tinha nada que dizer.

— Linguas venenosas! — exclamou irado. Eu vos ensinarei a abocanhar a minha Benedita! O que os faz falar sei eu...

Exaltou-se, gritou, barafustou de tal modo que o Silveira deu ao diabo as suas boas intenções e a si próprio jurou nunca mais abrir bôca a tal respeito. E desta forma, Benedita continuou a viver á vontade, dando livre curso ás suas excentricidades.

Estava, todavia, escrito que o Antunes não ficaria por muito tempo alheio aos desmandos da filha. A prova, decisiva e brutal, teve-a uma manhã em sua própria casa, naquela pobre casa que apesar de tudo, era ainda o seu reduto. Ficou estupido, atordoado, como se na cabeça lhe houvessem despedido formidavel martelada. Não queria acreditar no que os seus olhos tinham visto, e contudo, estava bem acordado. Num instante vieram-lhe á mente as palavras cautelosas do Silveira.

— Benedita, a minha Benedita! — e é um gemido aflitivo que lhe sai da garganta enrouquecida, um ai que tanto pode ser de doloroso espanto como de desesperação impotente.

— Benedita, minha Benedita!

A sua boca não sabe encontrar outra modalidade para o desespero que lhe vai na alma. Desespero sem nome, aflição sem limites, a mais tormentosa dor que pode alancear o coração dum pai. João Antunes sofre horrorosamente... Não é só a desonra que sôbre si, que sobre a desgraçada cai, é o ferrete ignominioso que para sempre ficará marcado o nome de ambos.

Duas lágrimas enormes, ardentes como lume, rolam silenciosas pelas suas faces tisnadas. E aquela cabeça que soubera defrontar mil perigos altaneira, verga humilhada para o chão...

Deixê-mo-lo chorar. As suas lágrimas, mais que ninguem, as respeitará todo aquele que com devoção e carinho, com amor e paciencia, haja arquitectado para filha estremecida lindo castelo de sonhos a roçar pelas estrelas e bruscamente, vergonhosamente, o veja por terra, em irreparáveis destroços, a sumir-se na lama...

Dias depois, desaparecia misteriosamente um dos «muleques» de João Antunes. Sumiu-se, foi-se como por encanto, sem que atraz de si deixasse o mais pequeno rasto.

Alguns olhares se fixaram inquisitoriais e suspeitosos sobre o Antunes; porém este parecia não dar pelo silencioso exame. A sua fisionomia mantinha-se impassivel, a sua boca continuava cerrada...

Ao fim de mais algum tempo, calaram-se os ultimos murmurios. Tudo parecia ter voltado á normalidade. Só o Antunes, que já havia obtido a reforma e se dedicava agora a uns vagos negócios, não readquiria a antiga jovialidade e se apresentava cada vez mais concentrado. Dir-se-ia que algum remorso lhe pesava na consciencia...

Não deviam, no entanto, ficar por aqui as desditas do infeliz. Parece que o destino, como mão impiedosa e sobrehumana, se compraz ás vezes em revolver acerado punhal em peito já ferido.

Aquela madrugada maldita fôra o principio do fim. Desde então nunca mais houve descanço em casa do João Antunes. As altercações sucediam-se, brutais e violentas, extremando os defeitos de cada um. Mãi e filha, á porfia, discutiam, acusavam, como se o desgraçado fosse réu de muitos crimes. A vida naquela casa tornara-se um horror.

Certo dia, ou porque com êle se tivesse enfurecido mais ou porque outro lhe houvesse acenado com melhor passadio, Rosa da Conceição abandonou o marido. Benedita, cabeça tonta, partiu com ela.

Ao desditoso, velho e cansado, nada mais restava do que a sua fatalidade. Sózinho, sem filha, sem amigos... Fazia dó vê-lo. Passava como uma sombra, pelas ruas desertas, emquanto o sol resplandecia lá no alto, ou mais tarde, pela calada da noite, já quando as estrelas enchiam o céu de magia.

— Aquilo já não regula bem — diziam as vizinhas condoidas.

Andava cada vez mais curvado, a murmurar palavras sem nexo, a fazer gestos que ninguem entendia...

Por fim sucedeu o que já há muito se esperava. Foram dar com êle lá em cima, na sua velha casa de madeira e zinco, abraçado a um retrato, em doidas gargalhalas. Rasgava a boca, mostrava quantos dentes tinha, apoplético, horrendo. Dir-se-ia que pela sua boca martirizada riam o seu riso selvagem todos os negros do continente africano...

Outubro de 1933.

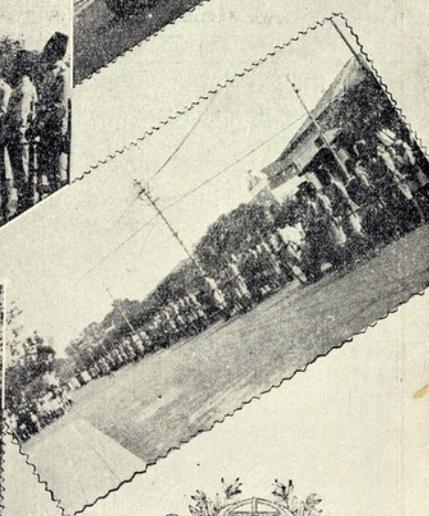
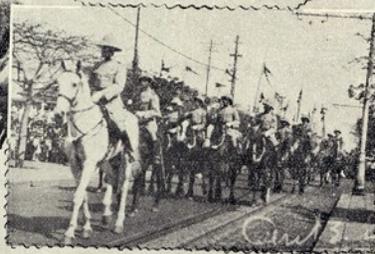
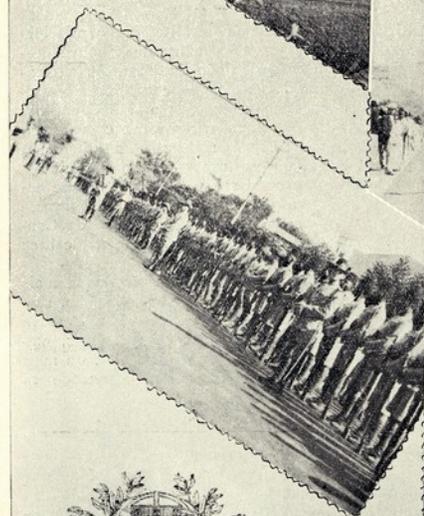
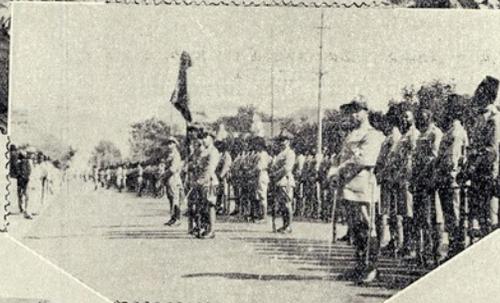
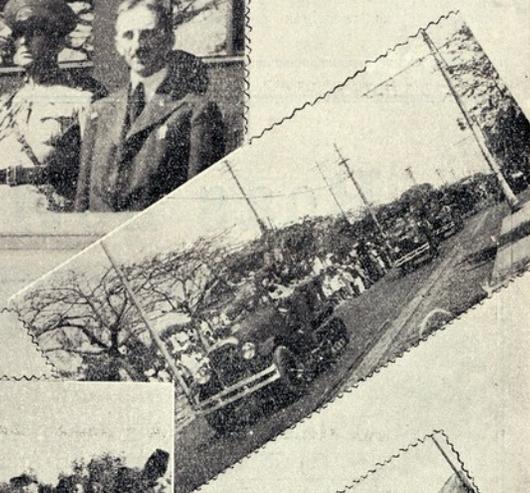
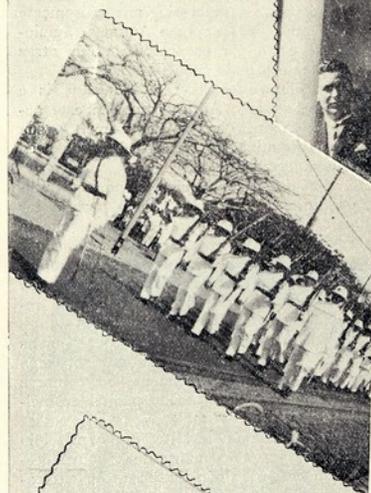
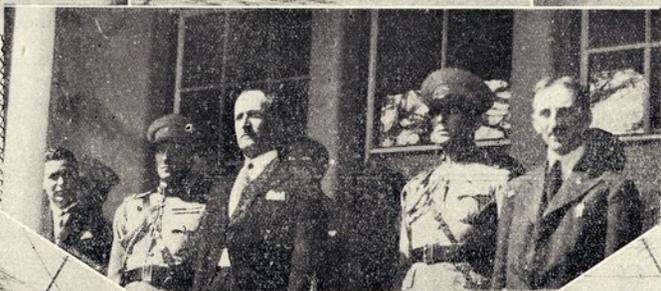
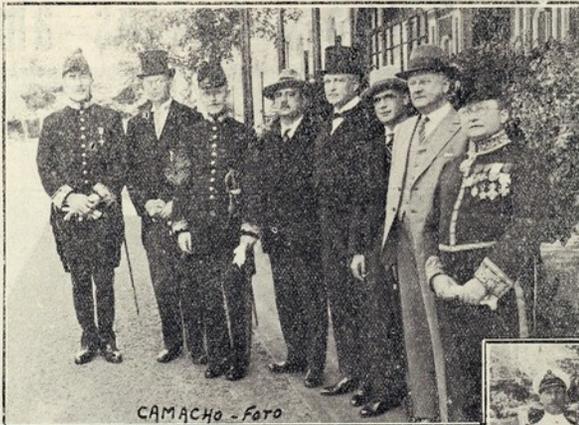
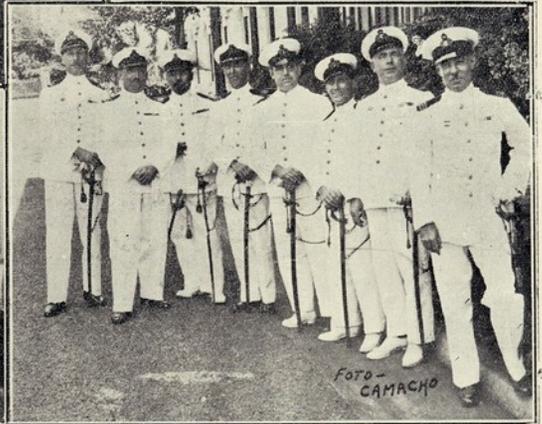
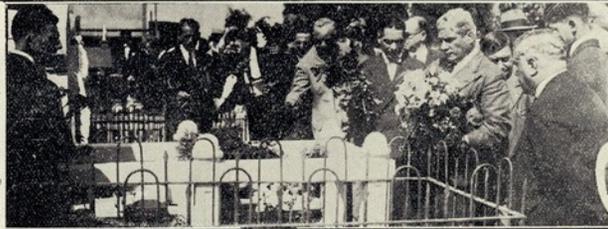
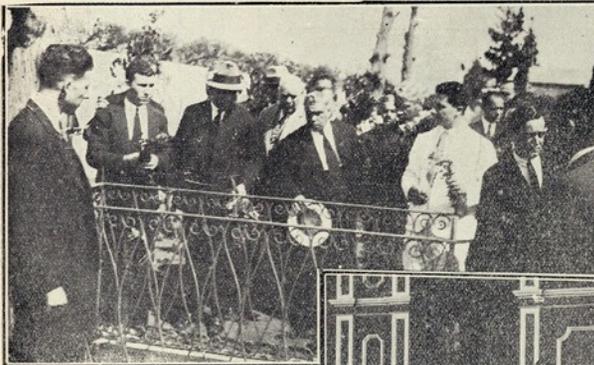
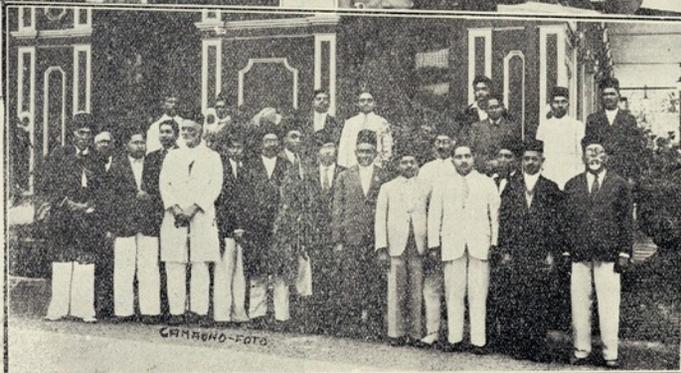
Xavier Valente.

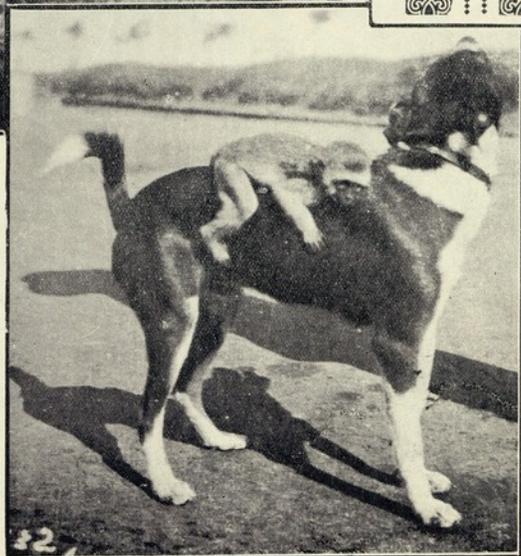
Boas noticias àcêrca de Haig!

Apenas foram modificadas as restrições impostas pelo Governo à importação de Whisky, os comerciantes começaram novamente a fazer encomendas.

Já chegaram novas encomendas desse belo e velho Whisky Haig que se pode obter nos varios estabelecimentos.

NENHUM WHISKY MELHOR ENTRA EM QUALQUER GARRAFA

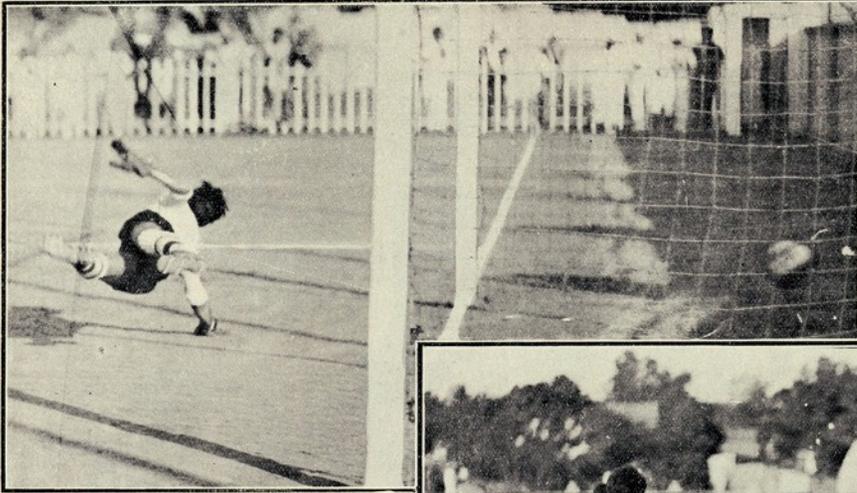
5 DE OUTUBRO: A PARADA

A recepção na Ponta Vermelha e a romagem ao Cemiterio

O Corpo Consular nos jardins do Palácio do Governo Geral, onde foi apresentar cumprimentos pelo aniversário da Republica Portuguesa.

Os oficiais da guarnição militar e dos serviços do Quartel General na recepção do Palácio da Ponta Vermelha.

Os oficiais do Departamento Maritimo e da guarnição do Aviso «Carvalho Araujo» após a recepção.

Três aspectos da Romagem ás campas de republicanos, organisada pelo P. R. P., na manhã do 23.º aniversario da implantação da Republica Portuguesa.

Os membros da Camara de Comercio Indiana, que foram apresentar cumprimentos pelo aniversário da Republica.

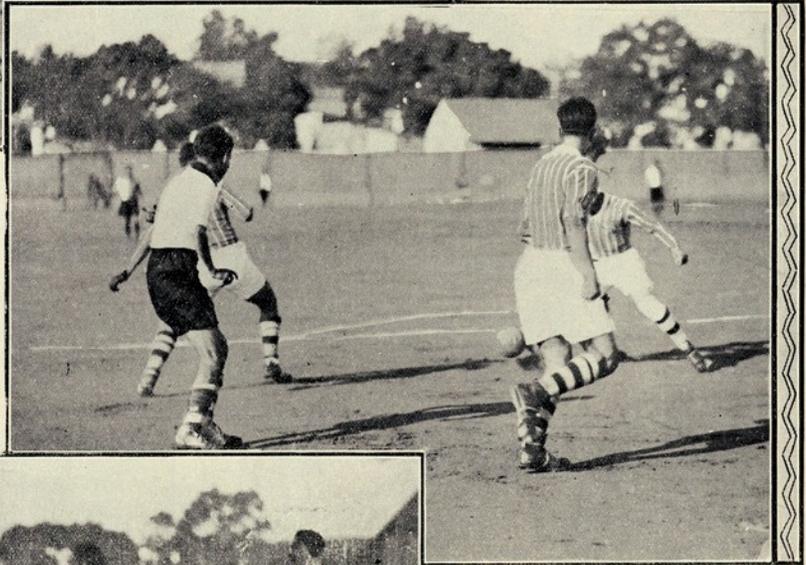
Animais nossos amigos...

EM CIMA, A ESQUERDA: A leôa, figura grande do Jardim Vasco da Gama, que ha pouco tempo foi envolta pelos crepes da viuvez... A' DIREITA: Um «baby» canino alimentando se a «biberon».

A' ESQUERDA: Um leopardo-mascote... do Sporting. A' DIREITA: Uma macaquinha que ha dias foi assassinada por um moleque de Jaime Alves, a quem catava o piolhinho...

EM BAIXO: Um simio treinando-se para um concurso hipico...

(Fotos H. Alcobia)

F U T E B O L

FINAL da Taça de Honra

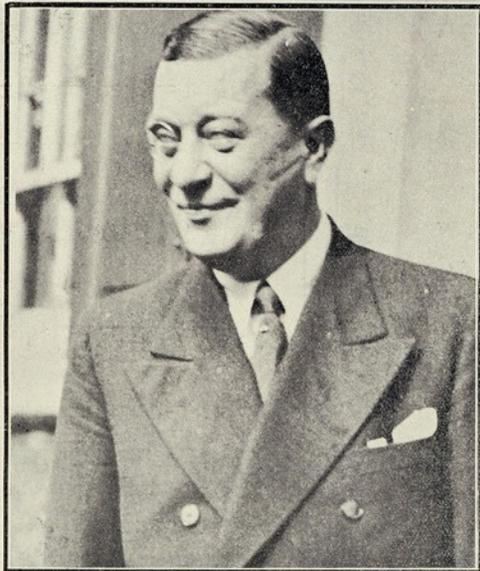
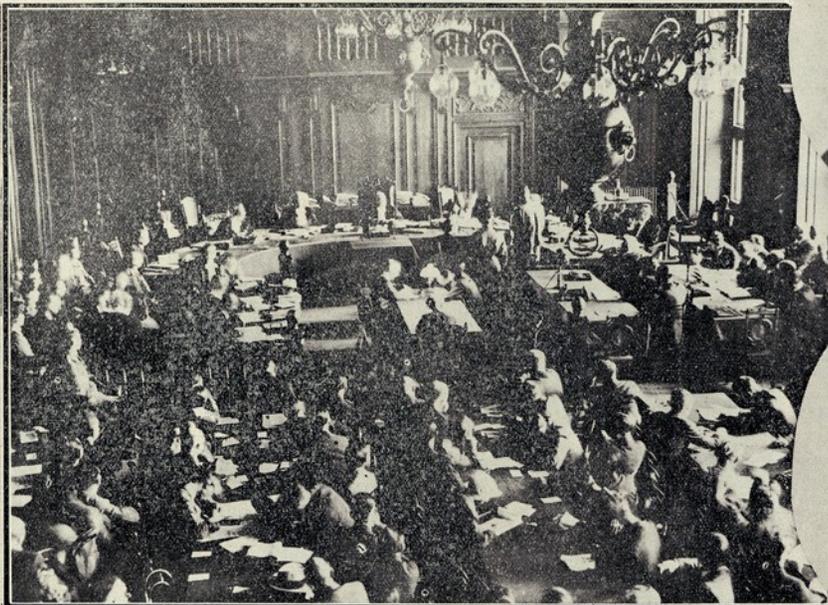
Duas fases do desafio realizado entre o Sporting e o Ferro-viario, na final da Taça de Honra, vendo-se na de cima Carlos Americo, do Sporting, num optimo lançamento — sem resultado — à primeira bola que entrou nas rêdes do seu clube.

Futebol internacional

L. Marques-Transvaal

No dia 1 deste mês realizou-se no campo do Ferroviário, um encontro entre as selecções da cidade e da Northern Transvaal, ganhando a selecção de Lourenço Marques por 4-0.

As duas gravuras que publicamos mostram duas boas fases do mesmo desafio.

O incendio do Reichstag

O mais sensacional julgamento dos tempos modernos

Fotografia, no Tribunal de Leipzig, do julgamento dos acusados do incendio do Reichstag. Ao fundo, ao centro, o Juiz Presidente, dr. Buengen, interroga o principal acusado Martinus van der Lubbe, em pé a direita. 1.º MEDALHÃO: van der Lubbe. 2.º MEDALHÃO: o leader comunista Ernst Torgler, o mais categorisado acusado que se declara inocente. EM BAIXO: Dr. Sack, defensor de Torgler. Van der Lubbe. algemado, de cabeça baixa, em pé junto do seu defensor, no Tribunal.

Nunca me esqueceu. Tem-me lembrado muito nestes ultimos tempos... Recordo-o como se fosse hoje...

... ...

A audiencia acabara tarde, já noit'alta, quási madrugada, no meio da ansiedade da assistencia, entre a qual se viam estranhos rostos de mulheres, cujos olhos maguados de vigilias, de deboches, de orgias, de vida de acaso, punham no ambiente uma nota triste e irritante de mercado de carne humana... Assistencia especial, tipica, a daquela audiência, na sua grande maioria: gente do jogo, boemios, «cocótes» chics, «borboletas» dos clubes, uma ou outra mulher doutros meios (de imaginação romanesca e doentia ou de espirito culto e observador) á cata duma emoção que lhe fustigasse os nervos ou duma cena digna de estudo... Toilletes, cabeleiras onduladas, braços e colos nus, joias verdadeiras ou falsas, perfumes... — de tudo havia naquela miséria doirada que ali se ajuntara como se fôra para assistir a um espectáculo num teatro...

Havia já quatro dias que o julgamento se iniciara. Aquela fôra a ultima sessão. Tinham-se inquirido as ultimas testemunhas. Seguiram-se os debates.

Recordo-o como se fosse hoje...

Não me esquece a figura do delegado do Ministério Publico, alta, esguia, espectral dentro da elegancia da sua beca, o cranio rapado e luzidio, sobrancelhas mefistofelicas, olhar verrumante, nariz adunco, o braço erguido, a mão afilada e nervosa, o verbo eloquente — ora trovejante, ora sibilino — a argumentação ferina: figura que crescia, demoniaca, desmesurada, estupenda, rembrandesca, como personagem empolgante duma tragedia shakespereana...

... E pedira a pena máxima para o meu constituinte...

Silencio... silencio.. silencio profundo naquela sala onde só se via o cintilar das joias e dos olhos maguados das mulheres, onde só se sentia o arfar dos peitos, o respirar perturbado dos assistentes...

Ergui-me, nervoso e palido.

Na minha frente os jurados. Corri-os com a vista um a um, demoradamente: Impassiveis, impenetraveis, sem uma contracção muscular, sem uma expressão traduzivel, lividos da fadiga, da forçada vigilia, mais lividos ainda pela lividez da luz... Eram como cadaveres, como se fossem mumias... ...

Ali, mais perto, no banco dos reus, o acusado, curvado, dobrado sobre si proprio, como um farrapo humano, a mão direita crispada sobre a face, a esquerda enclavinhada sobre o joelho, metia dó e soluçava, de quando em quando, atordoado pelas marteladas esmagadoras e inclementes da acusação...

Olhei o publico e meus olhos cruzaram-se com uns olhos de mulher — olhos grandes, negros, com um brilho estranho, cocainisados, que me fitavam e me trespassaram... Nunca mais esquecerei tambem, aquele olhar... Um olhar que me fez frio na alma e que produziu momentaneamente o vácuo no meu espirito...

Porque me fitava assim? Soube-o mais tarde...

E comecei então:

— Senhores jurados, se não houvesse o jogo...

Sinto ainda nesta mão, escaldantes de martirio, as lágrimas duma mulher, as lágrimas da Mãi deste rapaz... Se não houvesse o jogo...

... ...

... ...

Quatro anos depois, num dos ultimos dias de Janeiro de 1927, na minha viagem para aqui, encontrei-o em Luanda, cumprindo a pena. Vinte e seis anos de idade, uma mocidade perdida — um presidiário! Abraçou-me, quiz beijar-me as mãos, chorou como uma criança. A mãi morrera...

Quando regressei para bordo do «Niassa» levava na alma perturbada uma desolação profunda. Á noite, na minha cabine, fôra-me impossivel conciliar o sono. Emquanto o barco, a caminho do Lobito, cortava serenamente um mar tranquilo, bailavam-no na frente as salas do Maxim's, a roleta, muitos 13, 13, os pares dançantes, os musicos fardados de vermelho, e via a sala do tribunal, a figura espectral do delegado na acusação, as caras mumificadas dos jurados... E, vindos de longe, de muito longe, aumentando, caminhando para mim, perseguindo-me, os olhos daquela mulher, com um brilho estranho, vitreos, frios como laminas de aço, ardentes como volupias destruidoras, vazios como

abismos insondaveis, como dois zeros enormes!

Faziam vertigens...

Um companheiro de cabine roncava...

Enervei-me. Tive que me levantar. Precisava ar, ar livre, muito ar. E fui passear para o «spardeck», em cabelo.

O barco seguia a sua rota segura e elegante. E ali, só, colocado, de repente, entre a imensidade do mar e a imensidade do firmamento (donde uma lua quási redonda me olhava indiferente) consegui suavisar, diluir, esquecer a pouco e pouco a excitação que me tomara, a tormentosa perturbação que da minha alma se apossara havia horas...

... ...

O caso de X... um como tantos outros...

Rapaz honesto, bem nascido, bem educado, duma familia sã. O pai morrera e não deixara fortuna, não deixara mesmo quási nada. Suspendera os estudos por via disso, mas colocara-se no comercio. Insinuante, inteligente, trabalhador, correcto de hábitos, fácil lhe fôra conquistar a incondicional simpatia e confiança dos patrões e subir rapidamente.

E aquela mãi e aquele filho, que um para o outro viviam, tinham em casa um ceu e nas almas dois altares. A sua felicidade era perfeita. Apenas a viuvez dela e a orfandade dele eram ensombradas, de vez em quando, pela saudade funda daquele que se fôra.

Quiz o acaso, porém, que certa noite, na companhia de amigos, fosse cear ao Maxim's. Antes da ceia haviam entrado nas salas de jogo. X... nunca jogara nem queria jogar.

Num dado momento no entanto, ouviu atraz de si, muito proximo, quási ao ouvido, convincente, uma voz que lhe dizia:

— Joga no 13! Joga que ganhas. No 13... O 13 é um grande numero!

Voltou-se. Era uma mulher ainda nova, bem lançada e vestida com gosto (ou despida com arte), morena, olhos estranhos, boca deliciosa, de sorriso enigmatico, umas precoces rugas neurastenicas vincadas junto á comissura dos lábios — boca e rugas que contavam uma historia, um sofrimento, um drama intimo, talvez mesmo uma tara, uma fatalidade, um destino: tudo o que X..., na sua inexperiencia não saberia observar, surpreender ou suspeitar sequer...

Aquele olhar, aquela boca, aquele sorriso, o perfume daquela carne nua, a elegancia da exigua toilete, perturbaram-no...

E aquela voz insistia, conquistando-o insidiosamente:

— No 13... Joga no 13!

Era uma tentação! A bola de marfim, misteriosa e fascinadora, ia repetir o seu giro satânico. e X..., como um automato, levado por um irresistivel impulso, jogou. Saira o 13! E três vezes, seguidas, saiu o 13! Fôra um sucesso!...

Desde aquela noite fatidica ficara preso áquela mulher de olhos grandes, negros, misteriosos, frios como laminas de aço, ardentes como volupias destruidoras, profundos como abismos insondaveis, áquela mulher cuja boca — com duas precoces rugas neurastenicas vincadas junto á comissura dos lábios — contava uma historia, um drama intimo, uma tara, uma fatalidade, um destino...

E ficara preso ao jogo... á orgia... ao desvario... ao crime...

... ...

Roubara!

Durante certo tempo conseguira a sua vergonha e lutara para se libertar da voragem...

Uma outra mulher — a Mãi — tinha voltado a exercer sobre ele certo ascendente.

Mas era tarde, muito tarde mesmo!

Descoberto, preso, condenado, perdido, sem salvação possivel!

E hoje, ao recordá-lo, ao reconhecê-lo, ao vê-lo passar na minha frente entre a teoria intermina dos desgraçados que o Inferno da Vida tomou, eu vejo, como naquela noite de bordo, a figura tragica, shakespereana, do delegado do Ministério Publico na acusação, o seu craneo rapado e luzidio, a sua mão afilada e nervosa, o seu nariz adunco... Hirto, solene, espectral, enorme...

Vejo aqueles olhos negros, cocainisados e abismaticos, olhando-me dum canto da sala, caminhando para mim, perseguindo-me, trespassando-me... E oiço aquela voz — a voz da Tentação — ciciando, convincente, demoniaca, hipnotica, destruidora das mais reconditas radiculas do Escrupulo, ao ouvido de muitos — hoje bons, amanhã possessos:

— Joga no 13 que ganhas! No 13... no 13...

O simbolico 13... — uma das portas do Inferno...

Sobral de Campos.

ESCUTEM:
O dever de todos os pais...
é velar pela saude dos filhos!
Aproxima se o tempo quente, que depaupera as forças e deprime os organismos, principalmente o das creanças. Antes que ele chegue fortifiquem os seus filhos, dando lhes todos os dias uma ou duas chavenas de
OVOMALTINE
que é a saude
AGENTES:
F. Bridler & C.a Ltd.
Caixa Postal 65
Lourenço Marques

DUAS PRAÇAS

A praça de D. Pedro e a praça de Luiz de Camões são dois grandes eixos do movimento de Lisboa, duas arenas onde tem havido gladiadores da contenda politica e da oratória, dois campos onde se tem vivido manifestações de diverso colorido, dois planos onde se tem desenrolado páginas da nossa história, terreiros de tragédias sangrentas, largos por onde têm passado cortejos de espavento, procissões de nomeada, funerais imponentes.

A primeira, a praça de D. Pedro — o Rossio —, é aquela que mais tem vivido todos os acontecimentos que se apontaram.

Situada no eixo do movimento citadino, entroncamento do transito, bifurcação das ruas que mais vida têm, o Rossio é o coração de Lisboa.

Nele desemboca a rua do Carmo, que traz as elegancias do Chiado, a rua do Ouro, dos pulidores das pedrinhas da calçada, a rua Augusta dos comerciantes, o Largo de D. João da Camara, dos viajantes do Caminho de Ferro e das gentes que vêm canalizadas das avenidas novas, as Portas de Santo Antão, dos boémios, o Arco do Bandeira, a Betesga, S. Domingos e a Calçada do Duque, vielas donde desaguam as populações da Baixa Pombalina, da Costa do Castelo, da Estefania, da Graça, do Carmo...

Ao meio da praça, levanta-se a estatua de D. Pedro IV — o Dador —, apertando entre os dedos a «Carta Constitucional».

Esse bronze assenta sobre uma bem alta coluna de marmore — um castiçal, como diz o povo alfacinha, — tendo na base quatro figuras alegoricas: Justiça, Prudência, Força e Temperança.

Ornamentam tambem a praça duas fontes monumentais, com os seus altos repuxos e com as suas quatro sereias de bronze —, em cada um —, lançando esguichos de água.

Ao topo da praça há o «Teatro Nacional Almeida Garret», antigo «D. Maria», construido sobre terreno onde existiam os carceres do Santo Ofício.

O fundo direito do Rossio tem por cortina o palacete do Conde de Almada, onde na madrugada de 1 de Dezembro de 1640 reuniram João Pinto Ribeiro e os seus quarenta conspiradores, e onde foi até á Republica o Quartel General da 1.ª Divisão Militar, e hoje se encontram instalados escritorios comerciais.

Cercam o Rossio, os cafés: «Brasileira», dos revolucionários, «O Gêlo», dos estudantes, o «Chave de Ouro», dos homens de negócio, «O Passo» dos coloniais, e outros mais de somenos caracteristica.

O Rossio tinha uma nota definida no seu piso empedrado, de basalto branco e preto, calcetado em «SS», que uma determinação proposta pelo vereador Paiva e Pona fez modificar, rasgando o calcetamento para asfalto, aniquilando o seu passeio de peões para transito de veiculos, com o fim de descongestionar o transito dos carros electricos e sendo assim agradavel tambem á pretensão da Companhia dos Electricos de Lisboa.

Quatro lojas tinha o Rossio, que caracterizavam a Praça, pelo caracteristico dos seus frequentadores: O «Belo», dos artigos militares, onde faziam conversa os majores da guarnição e os generais reformados, o «Rôxo» da chapelaria, da elite burocrática, a «Monaco» dos tabacos que a intelectualidade fumava, e a Tabacaria «Neves» dos conquistadores, de monóculo no olho direito e de «breva» nos lábios.

Por esta praça passou a celebre procissão do Centenário de Santo António, comandada pelo Conde de Burnay, que redundou em grossa pancadaria, os cortejos do Rei Eduardo VII, da Rainha Mary, de Afonso XIII, do Imperador Guilherme II, do Presidente Loubet, do Rei de Sião, do Rei de Saxe e do Rei Alberto, da Belgica.

Por ali, passou tambem o grande cortejo de Gago Coutinho e Sacadura Cabral, o enterro dos Soldados Desconhecidos, acompanhado pelos marechais Joffre e Fox, e o funeral de Sidónio Pais, que tambem deu reboliço.

O Rossio, pode ser considerado o quartel general da arruaça.

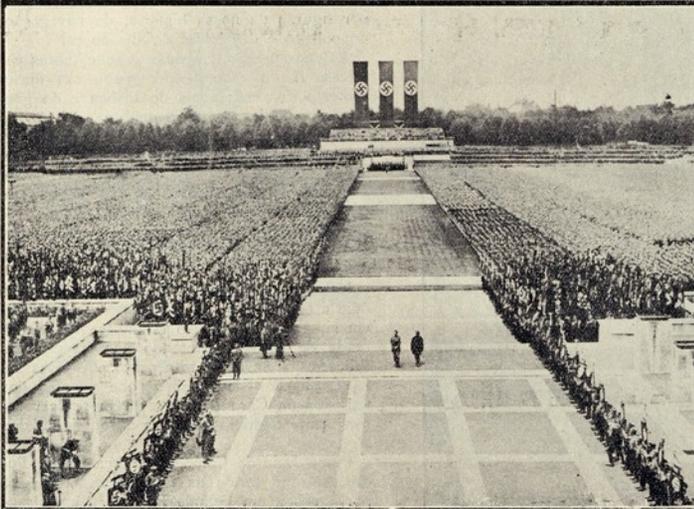
A praça Luiz de Camões, a praça que fecha o «Chiado» no topo das «Duas Igrejas» é tambem um entroncamento da cidade, por onde passam as populações dos bairros da Estrela, de Campolide, do extremo de Alcantara, pelos Paulistas, e do Bairro Alto.

As duas praças têm duas grandes notas poto ao grande epico português, tendo o seu vulto em bronze sobre um pedestal, rodeado por figuras da nossa história, da navegação, da politica e das letras da sua época.

As duas praças têm duas grandes notas politicas. A do «Camões» registou um dia o protesto dos estudantes de Lisboa e do grupo de republicanos do tempo, na ocasião do «Ultimatum» do governo inglês ao nosso país em 11 de Janeiro de 1890, cobrindo de crepes o monumento; a de «D. Pedro» marcou a «Hora do Armisticio», na manhã de 5 de Outubro de 1910, em que a «paz» do Rossio—, quartel general da Monarquia—, fez que vencesse a Rotunda, — quartel general da Republica!

Mas como no mundo não há só horas de ódio e de tragédia, as duas praças, encerram, em si, azas de paz. No «Camões» há a chilreada de pardais, cantando nas franças das arvores que ensombram a praça. No «Rossio» há os bandos de pombos, que voantes dos telhados da Casa de Garret vêm debicar serenamente o milho que lhes atiram junto dos lagos.

Praça Luiz de Camões e Praça de D. Pedro, são no fundo as homenagens do povo português a um Grande Poeta e a um Grande Soldado!

A ALEMANHA NAZI

Uma parte da Alemanha — a Alemanha dos «nazis» — continua a delirar guiada pela «mistica» de Hitler. E este agitador de massas continua — mercê dum conjunto de circunstancias sobejamente conhecidas e já frequentemente postas em destaque — a dominar e a ser adorado e seguido como um idolo por multidões de partidários da sua orientação politica e dos seus processos de acção.

As gravuras que formam esta página são flagrantes demonstrações do que acabamos de salientar.

A primeira e a ultima dizem respeito á abertura do Congresso prussiano em 15 de Setembro, em Berlim. A primeira mostra-nos os conselheiros de Estado, marechal von Mackensen e general Lietzmann, á saída do Congresso. A ultima apresenta-nos os conselheiros prestando juramento, perante o presidente Goring, no salão nobre da Universidade.

As outras duas gravuras documentam dois aspectos das celebrações do «dia de Hitler», em 3 de Setembro. A primeira delas mostra-nos Hitler entusiasticamente saudado — e correspondendo ás saudações — na ocasião da sua chegada ao aerodromo de Nuremberg. A outra apresenta-nos uma multidão «nazi», de cerca de 250.000 homens, nesse mesmo dia e no referido aerodromo. Nessa ocasião, Hitler, o seu leader e seu idolo, proferiu, perante essa enorme multidão, um impressionante discurso, prestando homenagem aos «camaradas» mortos.

As manifestações que coroaram essa alocução atingiram o delirio. E nesse dia — «o dia de Hitler» — os «nazis» cimentaram mais e melhor a sua acção politica. Até quando? Aqui está um ponto de interrogação que não tem fácil resposta...

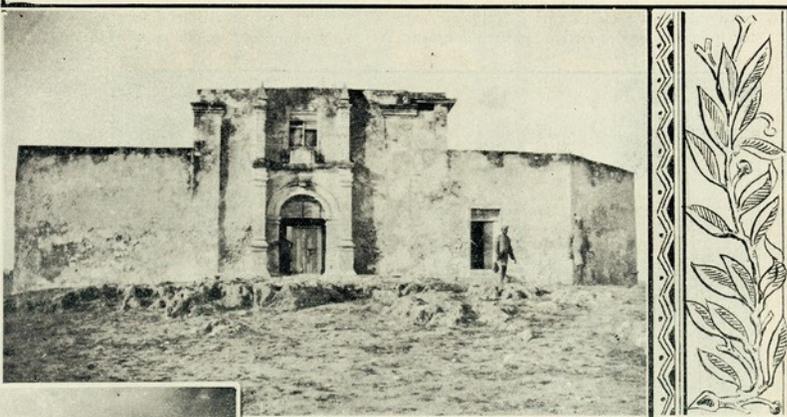
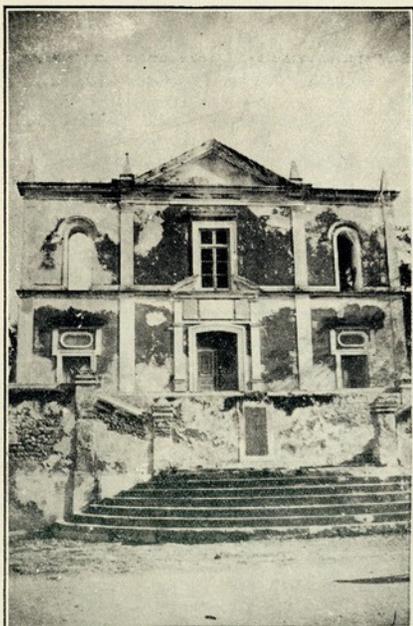
— Até sempre! — dirão, sem hesitações, todos aqueles homens que naquele dia, cegos e surdos pela paixão, gritaram:

— «Viva Hitler»!

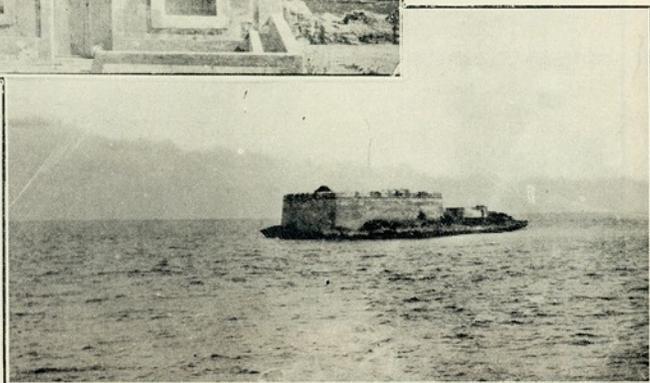
MOÇAMBIQUE

4 — A vetusta capela de Moçambique erguida no local onde desembarcou S. Francisco Xavier, restaurada em 1922.

5 — O velho Fortim de S. Lourenço rodeado pelo mar, no extremo da ilha de Moçambique.

Fotografias de Almiro Benedicto.

1 — Fachada da Igreja da Misericordia de Moçambique, obra levada a efeito em 1801, e que o tempo e a falta de cuidado começam a deixar corroer, ameaçando ruina.

2 — O antigo forte de Santo Antonio, gloriosa reliquia levantada pelos primeiros portugueses que vieram a Moçambique.

3 — O elegante edificio dos Correios e Telegrafos no Lumbo (Moçambique).

Vila de João Belo

Conheciamos vagamente a vasta região de Gaza, e a antiga povoação comercial do Chai-Chai, elevada á categoria de vila, pelo seu manifesto progresso, em 1911, e cujo nome em 1928 foi substituido por «Vila de João Belo» em homenagem ao ilustre oficial da armada que ali dispendeu o melhor esforço da sua actividade e de orientador, e cuja acção ainda hoje está bem patente.

Há dias, quando o Sporting Club de Gaza, impulsionado por forte amor á causa desportiva, levou a efeito várias festas de carácter popular e desportivo para inaugurar o

seu campo de jogos, tivemos ocasião de visitar aquela ridente vila, situada na margem esquerda do serpenteante rio Limpopo.

É Vila de João Belo bem traçada nos seus arruamentos, na sua maioria ladeados por frondoso arvoredo emoldurando-os com simetria e deliciando com soberbas sombras quem tem de os caminhar ás horas de calor intenso.

O seu jardim publico é todo ele um verdadeiro canteiro florido, delineado com arte, onde rosas das mais lindas põem uma nota

alegre, bastante viva de côr, no centro da vila.

Os seus edificios publicos, como sejam os Paços do Concelho, Alfandega e Caminho de Ferro, Escola Mousinho de Albuquerque e Mercado Municipal, de certa beleza, atestam o caminhar progressivo de Vila de João Belo, e mostram o que ela será no seu desenvolvimento futuro, em que a sua hospitaleira população está de corpo e alma interessada e esperançada.

Os seus edificios particulares são todos eles de aparencia bastante elegante, a vincar a dedicação dos seus proprietários á terra, onde, como colonos bem dignos desse nome, de há muitos anos trabalham pelo pão de cada dia, que serviu de berço aos filhos que amam e a quem estes já chamam terra-mãi com aquele orgulho nato do povo colonizador que outrora, batendo-se peito a peito com o selvagem a quem queria iluminar com a luz resplandescente da civilização, viu humedecerem-se com o seu sangue heroico pedaços da região de Gaza.

O seu estabelecimento hospitalar, situado a poucos minutos da vida comercial e particular da vila, construido num ponto esplendido, no Tavene, é batido pelo ar, que varre todas as impurezas, tornando-se assim um hospital modelar do distrito de Lourenço Marques.

A praia Sepulveda, praia natural, com a feição das praias de Portugal, é maravilha, onde as águas limpidas do Indico, rolando até á sua rebentação nos rochedos que defendem os banhistas do tubarão, ali se levantam a uma altura admiravel, para depois se tornarem numa catadupa de espuma, num espectáculo como só se vê nas melhores praias metropolitanas.

Concluida que seja a macadamização da estrada que vai da vila á praia, 17 quilometros, da qual já está pronta uma grande parte, terá Vila de João Belo, sem duvida alguma, uma das mais formosas praias da Colónia, praia que se tornará mas valiosa ainda logo que as estradas que vão de Lourenço Marques a Vila de João Belo não provoquem, como agora, as arrelias causadas pelas panes constantes nos automoveis que tentem passar de Marracuene até proximo de Xinavane.

Macadamizada que seja essa estrada tornar-se-á acessivel um optimo ponto de turismo dentro do distrito de Lourenço Marques.

Precisa incontestavelmente Vila de João Belo do auxilio dos poderes constituidos, auxilio a que tem jus, para que progrida, para que seja a grande terra que os seus habitantes almejam, porque o amor, o esforço e o trabalho insano dos seus habitantes, que lhe querem o mais que pode ser, não é suficiente, e por isso não há ali duas opiniões sobre o indiscutivel desenvolvimento que traria a Vila de João Belo a exploração do riquissimo vale do Limpopo.

Este rio, desenvolvendo-se em admiraveis ziguezagues atravez duma imensidão de planicie, formada de aluvião-humus, será o fertilizador mais remunerador para o colono que para ali vá labutar em busca do pão de cada dia.

A. S.

As festas do Sporting Club de Gaza

O Sporting de Gaza, simpático club de Vila de João Belo, realisou nesta quinzena uma serie de festas de caracter popular e desportivo para inauguração do seu campo de jogos.

De cima para baixo e da esquerda para a direita: O team de honra do Sporting; As finalistas do torneio de tenis, single, Melles. Maria Tereza Pires e Maria Amelia Mendes, saindo vencedora a primeira. Primeiro e segundo classificados na prova ciclista de 5 quilometros. A mascote do Sporting que caracteristicamente vestido fez a inauguração do campo. O Presidente da Camara Municipal, sr. Francisco Lino da Silva lendo o seu discurso no acto inaugural do novo campo. O aviador chaichaiense sr. Antonio Rocha, que tripulando o seu aparelho deu uma nota bem desportiva por ocasião das festas realisadas em Vila de João Belo.

Taça de Honra

Uma esplendida defesa de [illegible], guarda-redes do Ferro-Viario, na final da Taça de Honra, em que estes bateram o campeão de Lourenço Marques por 3-1, ficando na posse definitiva daquela Taça.